

Hoje inicia-se o XIX Santa Maria Blues

“Somos o evento que movimenta mais capital na ilha de Santa Maria, em termos de retorno financeiro”

POR ANA CATARINA ROSA

Hoje, inicia-se a XIX edição do Santa Maria Blues. De 13 a 15 de Julho, a ilha de Santa Maria recebe mais uma edição, na qual o Blues domina a atmosfera trazendo consigo apaixonados e aficionados por um estilo musical, cuja sonoridade remete há alma de quem escuta e domina o espírito, de que “recebe” a sua melodia.

O Diário dos Açores esteve à conversa, com José Amaral, Vice-presidente da Associação Escravos da Cadeinha, para saber um pouco mais deste evento e sobre o que os festivaleiros podem esperar do mesmo.

Quais as vossas expectativas para o XIX Santa Maria Blues?

As expectativas em relação há XIX edição do Festival Santa Maria Blues são as melhores, porque o festival tem vindo a crescer, ganhando uma notoriedade tanto a nível regional, como nacional e internacional. Na área do blues, este é um festival de referência, que esta a ombrear, neste momento, com os melhores festivais da Europa deste género musical.

No entanto, existe um *handicap*, nomeadamente, a falta de um navio de ferry que traga mais público ao evento, apesar de existir um reforço de ligações, por parte da nossa transportadora aérea regional, a SATA.

Porém, estamos a tentar sensibilizar, quer internamente a SATA quer também de forma política, para que possam reforçar ainda mais os voos, porque o *feedback* adquirido até ao momento, revela que a procura por lugares nos aviões é muito alta e a companhia não tem tido a capacidade de resposta para as mesmas.

Esta situação deixa-nos um pouco tristes, pois sabemos que temos capacidade para receber mais público, em termos de alojamentos, de restauração e do nosso próprio recinto, que pode ser ampliado, caso houvesse necessidade. É uma pena não podermos ter mais pessoas, porque a qualidade do cartaz é enorme e está a atrair muita gente.

É possível constatar um cartaz extremamente versátil, apresentando Peter Storm & The Blues Society, Big Daddy Wilson e Robin Kapsalis como cabeças de cartaz do mesmo. O que os festivaleiros podem esperar mais desta edição?

Os festivaleiros que vierem ao nosso festival podem esperar o melhor blues que existe a nível nacional e internacional.

Peder Storm é a banda que abre, hoje, o festival. Mais uma vez, fazemos questão de ter o blues que se faz em Portugal, representando o blues nacional. Esta tem sido a nossa missão, divulgar e a dar espaço ao blues português. Peter Storm & The Blues Society, representaram Portugal no European Blues Challenge em 2022, ficando no meritório 5º lugar, entre 22 bandas. São provenientes do Norte, e trazem consigo um Blues muito ligado às raízes, um blues clássico.

Ainda no dia de hoje, actua a banda que venceu o European Blues Challenge, na Polónia, este ano, os Soft City, da No-

ruega. Esta banda reflecte um blues mais moderno.

Na 6ª Feira, temos dois monstros americanos, Big Daddy Wilson, do Sul, embora seja da Carolina do Norte e o Tommy Castro e The Painkillers, da West Coast, o segundo pólo de divulgação do blues mais forte dos Estados Unidos da América.

Big Daddy Wilson, é um senhor que trabalhou em campos de algodão e em plantações de tabaco e só mais tarde começou a tocar blues. Tem uma voz muito solta e poderosa com uma mistura de gospel. Vem acompanhado de uma banda de 4 elementos, revelando-se ser uma harmonia fantástica.

A fechar o dia, actua Tommy Castro e The Painkillers, que é um desígnio nosso desde 2020. Este tem a particularidade de representar um blues mais funk, mais rock e muito animado. Tommy Castro detém dois pormenores que destaco, o primeiro é o facto de ser detentor de 12 Blues Music Awards, tendo vencido a maior distinção que existe de blues nos Estados Unidos. O outro pormenor é o facto de este ser descendente de mãe e pai açorianos e esta ser a primeira vez que vem a Portugal. A presença de Tommy Castro no Santa Maria Blues é um sonho tornado realidade.

No Sábado, evidenciam-se as vozes femininas. Robin Kapsalis, da zona de Washington. Apresenta um full gospel, disco, é uma mistura de blues com uma energia fantástica. Vem acompanhada com a banda americana Vintage#18, com a qual tem percorrido o mundo a cantar.

Para encerrar a noite em grande, actua Vanessa Coller, uma estrela em ascensão. Vanessa Coller vem à Europa fazer 5 espectáculos. Já tentávamos trazê-la há algum tempo e desta vez foi possível harmonizar e coordenar a presença dela com os outros festivais. Ela é uma excelente intérprete de saxofone, que é um pormenor importante, uma vez que, nos últimos anos temos encerrado o festival com a banda, cujo líder é um exímio intérprete de um instrumento diferente, tais como guitarra, acordeão, harmónica, piano e este ano vamos encerrar o festival com excelente saxofone.

Deste modo, estamos num patamar muito interessante a nível da qualidade das bandas, sendo que gostaríamos de ter mais público e assim continuar o nosso crescimento.

Neste momento quantos parceiros/elementos encontram-se envolvidos na



organização no Santa Maria Blues?

Entre os voluntários de todas as áreas do Santa Maria Blues, contamos aproximadamente, com 200 pessoas que encontram-se ligadas directa e indirectamente ao festival.

No nosso recinto temos a presença de um restaurante com a melhor gastronomia típica da ilha de Santa Maria. Hoje teremos as Sopas do Império, que são sempre muito apreciadas, para além do picado de borrego, atuns, uma variedade típica da ilha. A presença de um restaurante acaba por motivar a existência de imensas pessoas, neste caso voluntários.

Ainda dentro do recinto encontram-se também um bar, com uma grande equipa de 2 turnos, uma barraca de artesanato local de Santa Maria, com artesões certificados que estarão presentes para quem nos visita, bem como a presença de uma oferta diversificada com barraquinhas de malassadas, de sobremesas, uma específica para gin tónico e caipirinhas e uma só para cafés. Possuímos várias zonas onde as pessoas podem desfrutar e conseguir produtos diferenciados.

Portanto, entre o palco, o back stage, o restaurante, o bar e a montagem do festival são quase há volta de 200 pessoas.

Um festival como o Santa Maria Blues tem um impacto no desenvolvimento económico e financeiro da ilha de Santa Maria?

Sim, após estudos feitos e graças ao *feedback* que nós temos recebido, quer de restaurantes quer da delegação da Câmara do Comércio; da Câmara Municipal e do tecido económico da ilha, somos o evento que movimenta mais capital na ilha de Santa Maria, em termos de retorno financeiro.

Nós sabemos que existe o Rali de Santa Maria, a Maré de Agosto, o Festival Maia Folk e as festas de 15 de Agosto, mas o tipo de público que nós atraímos ao nosso festival, é um público de uma faixa etária, um pouco acima da média dos outros festivais, acabando por ser uma faixa etária que detém um poder económico considerável, trazendo deste modo um retorno financeiro elevado há ilha.

Este ano realiza-se a XIX edição do festival. Com o passar dos anos a produção do mesmo torna-se mais fácil ou apresenta-se mais desafiador que nos anos anteriores?

Por um lado, torna-se mais fácil, porque a maior parte dos elementos da organização e da Direcção da Associação Escravos da Cadeinha, já encontra-se envolvida neste projecto há 10 anos. Com o passar dos anos, claro que vamos ganhando uma rodagem, um entendimento entre todos e uma forma de fazer as coisas que permite já com alguma rotina, realizarmos as coisas de uma forma mais fácil do que, se começássemos de novo. Ainda acresce a isto, o facto de termos organizado, em 2019, em Ponta Delgada o European Blues Challenge, um evento que decorre todos os anos num país diferente da Europa, mas que necessita de uma candidatura elaborada e apresentada 2 anos antes, no European Blues Union, de quem somos federados. A grandiosidade deste evento deu-nos a deixa para podermos “agarrar” no festival Blues e monta-lo com alguma facilidade.

Por outro lado, manter a qualidade é determinante. Como costuma-se dizer, é como abrir um restaurante ou um bar, enquanto é novidade as pessoas aderem, mas depois cansam-se e no final não gostam. Nós temos conseguido fazer com que o Santa Maria Blues tenha tido sempre um crescimento e uma notoriedade para um público cada vez maior.

Para tal é determinante a qualidade no palco, no recinto, das bandas e da música. Basicamente é uma festa de música e a qualidade do recinto, a forma cuidadosa como o mesmo é preparado com as ofertas diversificadas é determinante para o seu sucesso.

É preciso também não esquecer a simpática e calorosa forma de receber dos marienses. Tudo isto vem revelar que a forma acolhedora funciona na perfeição.